



DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA –
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

A reescrita de produções textuais e sua contribuição para a formação de alunos críticos e proficientes.

MARIA JEANE DANTAS DOS SANTOS AZEVEDO

PICUÍ– PB

2016



DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA –
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA JEANE DANTAS DOS SANTOS AZEVEDO

A reescrita de produções textuais e sua contribuição para a formação de alunos críticos e proficientes.

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof^ª. Dra. Benedita Vieira de Andrade

PICUÍ– PB

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA JEANE DANIELAS DOS SANTOS AZEVEDO

A reescrita de produções textuais e sua contribuição para a formação de alunos críticos e proficientes.

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof (a) Dra Benedita Vieira de Andrade

Aprovado em 21/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Benedita V. Andrade

Presidente: Prof (a) Dra Benedita Vieira de Andrade- IFPB

Cristiane de Souza Castro

Examinador (a): Prof (a) Msc Cristiane de Souza Castro - IFPB

José Moacir Soares da Costa Filho

Examinador (a): Prof Msc José Moacir Soares da Costa Filho- IFPB

AGRADECIMENTOS

Neste momento, tomada por uma grande emoção, venho dedicar essas linhas como forma de agradecimento sincero, a Deus, pela vida e pela oportunidade de estar concluindo um curso de ensino superior em educação, dando-me condições de superar todas as dificuldades. Aos meus pais, José Maria dos Santos e Luzineuza Dantas dos Santos, primeiros mestres que sempre me impulsionaram e me incentivaram a conquistar mais essa vitória.

Ao meu esposo, Djanilson Ferreira de Azevedo, só agradecimento não basta tamanha compreensão, dedicação, apoio e amor. À minha irmã, Jesiana Dantas dos Santos, companheira de jornada que sempre esteve presente em todos esses momentos de caminhada.

Aos professores, que fizeram parte da minha vida, meu muito obrigado por todos os ensinamentos. Aos meus colegas que apesar da distância física não mediram esforços para transmitir todo apoio, compreensão e amizade.

E, em especial as minhas colegas Ana Paula, Robervânia e Rayonara que foram a base de sustentação e motivação para que eu conseguisse superar todos os desafios dessa jornada. A minha orientadora, Professora Benedita, agradeço pela paciência, dedicação e por ter me mostrado os caminhos quando estava perdida, apontando erros e possibilidades. Enfim, que, com enorme sabedoria, foi a minha maior interlocutora nessa trajetória. A todos da Escola Municipal de Ensino Tertuliano Pereira de Araújo, pelo apoio a essa Pesquisa.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar o papel da reescrita para o desenvolvimento de alunos críticos e proficientes produtores de textos. O interesse pela temática do trabalho surgiu com a oportunidade de investigar e compreender o processo de reescrita das produções textuais dos alunos em sala de aula e a prática pedagógica desenvolvida no cotidiano escolar com a intenção de reverter esse cenário de alunos que não produzem bons textos. A abordagem da pesquisa é qualitativa e tem base em um estudo de caso empreendido para analisar o ensino da leitura e da escrita e a função da reescrita no processo de aprendizagem do educando. A metodologia empregada consiste em observações em sala de aula, registros das falas do professor e sistematização de teorias desenvolvidas por vários teóricos como: Britto (2011), Oliveira(2010), Geraldi (2011), Ruiz (2010), Menegassi (1998), Bronckart (1999), Prestes, (2001), Brasil (1998) e Leite & Pereira, (2013). A pesquisa mostrou que os alunos apresentam grandes dificuldades em ler e escrever bons textos, o que evidencia a necessidade de o professor trabalhar com leitura, escrita, revisões e reescrita das produções textuais. Sendo assim, o professor desempenha um papel imprescindível de acompanhar e orientar esses alunos para que eles possam desenvolver um trabalho pautado na análise e compreensão do seu próprio texto. Logo, fazem-se necessários novos mecanismos que possam atrair o gosto do aluno pela leitura, escrita e reescrita das suas produções, de forma sistematizada, dinâmica e com acompanhamento constante.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Escrita; Reescrita; Produção textual.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the rewritten function for the development of critical students and proficient producers of texts. The interest in the work theme emerged with the opportunity to investigate and understand the rewrite process of the students' textual productions in the classroom and the pedagogical practice developed in everyday school with the intention of reverting this scenery of students who don't produce good texts. The approach of the research is qualitative, it is based on a study of undertaken case to analyze the reading and rewrite teaching, and the rewrite function in the student's learning process. The methodology used consists of observations in the classroom, records of the teacher's speech and systematizations of theories developed by several theoretical as: Britto (2011), Oliveira (2010), Geraldi (2011), Ruiz (2010), Menegassi (1998), Bronckart (1999), Prestes (2011), Brasil (1998) and Leite & Pereira (2013). The research showed that the students present great difficulties in reading and writing good texts, which shows the necessity for the teacher work with reading, writing reviews, and rewritten of textual productions, therefore, the teacher plays an indispensable role in order to accompany and conduct these students wherefore they can develop a work based on the analysis and understanding of their own text. Soon, it's needed to make new mechanisms that can attract the student's liking by the reading, writing and rewriting of his/her productions, in a systematic, dynamic way and with constant monitoring.

KEY-WORDS: Reading; Writing; Rewriting; Textual Production

SUMÁRIO

Introdução-----	8
A origem da escrita-----	11
O lugar das produções textuais em sala de aula-----	12
O papel da reescrita-----	13
Embasamento teórico-----	11
Metodologia-----	18
Análise e discussão dos dados-----	19
Considerações finais-----	20
Referências-----	26

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz indagações a respeito do ensino da leitura, escrita e reescrita no âmbito escolar, numa perspectiva interacionista, no intuito de analisar o papel da reescrita para o desenvolvimento de alunos críticos e proficientes produtores de textos. Sabemos que é, cada vez mais, necessária uma maior atenção para as produções textuais dos nossos alunos, visto que as maiores críticas e colocações dos professores, nesse âmbito, surgem porque os alunos não conseguem ler e redigir um bom texto. Diante dessa realidade, surgem algumas especulações como se houvesse culpados ou se a prática em sala de aula deixasse a desejar no que diz respeito à leitura, escrita e reescrita das produções textuais.

A leitura de textos propicia ao educando a assimilação do sentido e da existência dos termos linguísticos significativos na construção da textualidade, fazendo com que esse aluno passe a compreender melhor a estrutura do texto, a ampliar sua visão de mundo, a enriquecer seu vocabulário, a reconhecer os elos coesivos, a coerência textual e, conseqüentemente, a aprender a produzir textos melhores, pois é notório que a leitura é um importante veículo para um melhor desenvolvimento da escrita.

Sendo assim, os professores precisam focalizar a leitura e a escrita de textos não apenas nas questões ortográficas, mas, principalmente, analisar os aspectos textuais linguísticos de forma a contribuir para a formação de alunos leitores/produtores de textos mais críticos e perspicazes.

É papel da escola criar situações interlocutivas propícias para que o estudante aprenda a escrever melhor seus textos e desenvolva a capacidade de criação, pois a escrita é um objeto social que consiste em um exercício que requer leitura, atenção e disciplina. Para tanto, o professor precisa buscar metodologias apropriadas para dar suporte à produção textual para que ela possa ser desenvolvida com sucesso.

O educador precisa não só requisitar uma produção textual, mas acompanhar todo o procedimento de planejamento, correção, revisão e reescrita. É primordial que ele não só aponte problemas, mas indique possibilidades de como poder resolvê-los, pois, para que haja aprendizado, é necessário que o aluno seja orientado pelo professor, que o conduza a apropriação das capacidades necessárias para desenvolver o texto.

O professor precisa levar o aluno a compreender e a resolver os problemas identificados na revisão, para que assim, ele possa corrigir, transformar e melhorar o seu texto. Com isso, o educando reconhece as suas falhas e compreende que todo texto pode ser

aprimorado, pois a reescrita implica mudar ou cortar palavras, reordenar períodos, dar nova disposição aos parágrafos, a fim de que o texto atinja os objetivos a que se propõe. Para tanto, o aluno precisa ler e reler o seu texto de maneira crítica.

A reescrita é de suma importância para o aluno, pois essa prática ajuda-o a adquirir conhecimentos, tornando-o ainda mais capacitado a produzir com amplitude seus textos escritos. Com base nessa constatação, o interesse pela temática do trabalho surgiu com a oportunidade de investigar a prática docente desenvolvida no cotidiano escolar para tentar mostrar novos caminhos desse cenário constituído de alunos que não produzem bons textos, através do processo de reescrita das produções textuais desses alunos em sala de aula.

Trata-se de um tema bem relevante, uma vez que sabemos que a refacção proporciona ao aluno a oportunidade de ler e reler o seu texto várias vezes, para que assim, possa aprimorá-lo ainda mais. Além de aprimorar o texto, o aluno pratica a leitura e percebe que é através desse processo de retirar e acrescentar novas palavras, que o texto ganha nova forma e fica cada vez melhor. Sendo assim, a reescrita proporciona ao aluno não só um bom texto, mas o leva a refletir acerca do que escreve, sendo autor, revisor e protagonista do seu próprio sucesso como escritor.

Com base nesses pressupostos, este trabalho objetiva, de um modo geral, analisar o papel da reescrita para o desenvolvimento de alunos críticos e proficientes produtores de textos, e, de forma mais específica, analisar a prática do professor para identificar se o mesmo trabalha com a reescrita; verificar como a reescrita tem contribuído para o surgimento de alunos proficientes na produção textual; discutir a importância da revisão e reescrita refletindo também sobre o papel do professor como ferramenta fundamental do ensino-aprendizagem das produções textuais.

Nosso trabalho traz inicialmente uma apresentação sucinta de como está estruturada a nossa pesquisa, descrevendo as observações feitas durante a fase de estágio. Contará com uma breve explanação a respeito da origem da escrita, do papel das produções textuais na formação do aluno e o papel da reescrita no desenvolvimento de alunos adeptos da escrita.

Há, em seguida, uma abordagem dos principais teóricos que fundamentam a nossa pesquisa. E, por fim, o relato das observações, apresentação e a análise dos dados da nossa pesquisa.

A metodologia empregada para o desenvolvimento desta pesquisa possui uma abordagem qualitativa e foi feito um estudo de caso através de observações, acompanhamento e descrição da prática docente e o ensino da leitura, escrita e a função da reescrita para o processo de aprendizagem do educando.

A ORIGEM DA ESCRITA

Nos dias atuais, faz-se necessário, principalmente nas escolas, um olhar voltado para a importância e eficiência da escrita e a sua utilidade para a sociedade. Diante disso, precisamos conhecer a sua história, origem e os processos que a configuram como uma ferramenta incontestável e de valor inestimável para a promoção e disseminação da comunicação.

O surgimento da escrita é bem antigo e acabou se revelando pela necessidade de comunicação, que antes era registrada pelos signos, mas estes não conseguiam expressar palavras, apenas ideias visuais. Segundo Cagliari (1993 p. 106), “a história da escrita vista no seu conjunto, pode ser caracterizada em três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética”.

A fase pictórica se destaca através de desenhos ou pictogramas, os quais aparecem em inscrições antigas para demonstrar a imagem do que se quer representar. Essas representações eram bem simplificadas e considera-se que essa escrita tenha sido à base da escrita cuneiforme.

A fase ideográfica representa desenhos especiais chamados ideogramas que representavam objetos ou ideias. Esses desenhos foram, ao longo do tempo, perdendo alguns traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se simples convenções da escrita. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução.

A fase alfabética caracteriza-se pelo uso de letras, que tiveram origem nos ideogramas, mas que perderam o valor ideográfico, e passaram a assumir e representar puramente à fonográfica.

Segundo Oliveira (2005), o grande salto na evolução da escrita foi dado quando se passou a representar o plano da expressão e não mais o do conteúdo, ou seja, a escrita deixou de apoiar-se nos significados representados e passou a ter como base os sons da fala.

A fala se configurou como a base para o surgimento e aperfeiçoamento da escrita de tal forma que o significado das palavras escritas era advindo da fala. A escrita conquistou ao longo do tempo, espaço em nossa sociedade e se tornou um importante meio de difusão de ideias, de informações e de interação. Pode-se dizer que todo o ensino está vinculado, de certa

forma, ao ensino da escrita, uma vez que ela é um dos requisitos para a aquisição dos principais conteúdos ensinados na escola.

O LUGAR DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA

As metodologias e práticas pedagógicas utilizadas pelos professores vêm sendo repensadas e ganhando uma versão mais dinâmica e diversificada que proporciona ao aluno entusiasmo pelo conteúdo. Com as aulas de língua portuguesa e, especialmente, com o trabalho de produção textual, não é diferente, pois, cada vez mais, faz-se necessário aguçar no aluno o gosto pela leitura e escrita.

Sendo assim, a produção de textos em sala de aula ganhou destaque e deixou de ser uma produção de uma mera redação, ganhando espaço para propiciar ao aluno uma interação, um diálogo com os outros textos, trabalhando assim a intextualidade e fazendo com que essa troca proporcione ao aluno não só a capacidade escrita, mas também a leitura e a reflexão a partir de pensamentos de outros autores. Essa troca desencadeou atividades que uniram a interação linguística com a visão crítica do aluno, o que resultou no aluno leitor-produtor e não somente um mero escritor de códigos.

Essa nova modalidade textual se converteu em mais uma oportunidade de o aluno aprender sobre a língua e suas múltiplas possibilidades e também suas restrições. E é notório que se faz necessário um olhar voltado para a discussão de textos e mecanismos que integrem à modalidade escrita à oral. Logo, o aluno precisa descobrir a importância da leitura e da escrita e observar que a leitura de um texto pode desenvolver ideias que darão origem a outro texto.

A produção textual constitui uma das principais atividades desenvolvidas por esse novo ensino. Isso se deve ao fato de que, por vivermos em sociedade, a todo o momento, somos levados a produzir textos, sejam textos com funções apenas fáticas, sejam textos mais elaborados e com funções distintas.

No que tange às orientações específicas para o ensino da produção textual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) afirmam que “o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar produtores competentes e capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes”.

Sendo assim, a produção textual deve ser considerada como um processo que não se dá de uma vez, mas que requer um trabalho em etapas para a formação de escritores competentes e eficazes.

O PAPEL DA REESCRITA NA CONSTRUÇÃO DO SABER

A reescrita é importante porque ela provoca o diálogo entre o autor e o seu texto, o que faz com que o aluno passe de escritor para revisor do que escreveu. Isso possibilita que ele veja o que antes não tinha visto em seu texto, pois quanto mais ele pratica a refacção, mais ele descobre que o texto precisa ser melhorado e, com isso, ele adquire habilidades de escrita e passa a escrever cada vez mais e melhor, o que o tornará um escritor proficiente.

A reescrita permite ao aluno a identificação e o uso correto dos gêneros e leva-o a compreender as suas especificidades, dificuldades e competências, um ponto importante para o professor que irá trabalhar com o foco voltado para essas descobertas.

Uma das tarefas mais importantes a ser desenvolvida para garantir um bom desempenho na produção textual é a reescrita. Conforme argumenta Moraes (2010), trabalhar com “erros de propósito” pode ser construtivo para os aprendizes, pois eles poderão colocar em prática seus próprios conhecimentos sobre a norma. Essa colocação nos faz perceber que o aluno precisa reconhecer os seus erros e ele só aprenderá tentando consertá-los, de maneira que esses levem-no à perfeição. Essa concepção de erro é defendida por Bortoni-Ricardo (2008), que relata que existem erros que resultam da integração dos saberes no domínio da oralidade na aprendizagem da escrita e erros que se explicam porque a escrita é regida por um sistema de convenções cujo aprendizado é lento e depende da familiaridade que cada leitor vai adquirindo com a língua escrita.

Nessa mesma linha de pensamento, Jesus (1997) destaca que a reescrita é vista como uma “exploração das possibilidades de realização linguística e contribui para releitura e novas formulações”.

Pode-se depreender dessas afirmações que a exploração e releitura do texto possibilitam ao aluno reler o texto e, a partir dessa releitura, buscar novas formas de dizer o que gostaria de ser dito. Isso faz com que o aluno leia e releia, varias vezes, o que produziu, buscando sempre a melhor maneira de dizer o que pensa, de forma coerente, e isso só será

possível se ele voltar ao texto e analisá-lo de forma criteriosa, buscando novas maneiras de escrever o seu texto.

A REESCRITA À LUZ DE ALGUNS TEÓRICOS

É cada vez mais preocupante a situação dos alunos no tocante à leitura e produção textual, sendo assim se faz necessária uma maior atenção para as produções textuais desses educandos, visto que as maiores críticas e colocações surgem porque eles não conseguem redigir um bom texto.

Saviani (1999) afirma que uma das condições para o exercício pleno da cidadania é o acesso ao saber sistematizado e organizado pela humanidade, entre eles, a aquisição da competência leitora e escritora. O autor destaca a leitura e a escrita como processos em que o ser humano exerce o seu papel enquanto cidadãos conscientes e críticos, interagindo e atuando no seu grupo social.

Segundo Foucault (1997), o ato de ler, em qualquer circunstância, é o meio de interrogar a escrita, saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa.

Nessa perspectiva, a leitura nos leva a conhecer a visão do outro para que, assim, possamos entender e assimilar o que já conhecemos, estabelecendo um elo entre o questionamento e o ato de criar novos textos.

Cagliari (2004) lembra em sua obra que ler é uma atividade muito complicada e que a leitura é a realização da finalidade da escrita. Entende-se, assim, que a leitura tem algo bem mais complexo do que apenas compreender o que o autor quer dizer, ela desempenha a função de auxiliar a escrita, logo entendemos que a leitura é concomitante à escrita.

É nas aulas de Língua Portuguesa, que a prática de produção textual tornou-se algo indispensável para o ensino e aprendizagem da língua materna, uma vez que é no texto que a língua “se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de forma, quer enquanto discurso” (GERALDI, 1993, p. 135).

As aulas de língua portuguesa têm o desafio de criar mecanismos que levem os alunos a aprender a sua língua e, acima de tudo, colocá-la no papel de forma coerente e coesa.

Percebemos assim, a dada importância desse componente curricular para o aluno, pois após ensiná-los a escrever usando uma linguagem padrão, o professor de Língua Portuguesa vai direcionar seus alunos à desenvolver seu senso crítico através da reescrita do seu próprio texto, entendendo, assim, que um texto nunca está finalizado, mas, sim, deve sempre ser aperfeiçoado.

Fiad (2003) defende que, no processo de produção escrita, o aluno precisa se colocar na condição de leitor do seu próprio texto, reelaborando-o, refazendo-o a partir dos conhecimentos sobre a escrita de que já dispõe.

O aluno precisa voltar a ler o seu texto para que assim descubra se outro leitor vai compreender o que ele escreveu, se está faltando algo que possa contribuir para a melhoria do seu texto. Essa leitura tem que ser crítica, criteriosa e minuciosa.

Considerando que a leitura é importante para o aprimoramento da escrita, salienta-se que “em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘reescrita’ do lido” (FREIRE, 2005, p. 21). Sendo assim, a leitura favorece a escrita através da reflexão e de um olhar crítico a respeito do que está sendo lido.

De acordo com Leite e Pereira (2010, p. 2), as reflexões sobre a necessidade de se dedicarem momentos exclusivamente para a revisão dos textos e a sua reescrita pelos próprios alunos, etapas essas nem sempre consideradas como significativas no ensino aprendizagem da escrita, já que os docentes não dedicam tempo suficiente para essa abordagem em sala de aula.

Sendo assim, esses precisam rever as suas metodologias e disponibilizar tempo para acompanhar a produção textual e principalmente as etapas de revisão e reescrita, mostrando aos alunos possibilidades e caminhos a serem seguidos para o aperfeiçoamento da aprendizagem e da escrita.

A reescrita faz parte de um processo em que os alunos devem voltar várias vezes ao texto para observar certas questões e não apenas passar a limpo. A refacção vai possibilitar a eles ajustar o que se tem a dizer, vai facilitar a sua constituição como sujeito que diz o que diz para quem diz, vai ajudar o sujeito a escolher, enfim, as estratégias para realizar a sua tarefa e, obviamente, ter para quem dizer o que tem a dizer (Cf. GERALDI, 1995).

A reescrita possibilita também a melhoria do texto de forma a aprimorá-lo cada vez mais e essa deve se uma prática processual e constante até serem alcançados os objetivos

pretendidos para uma boa produção textual. Matêncio (1997, p. 113) concebe a reescrita “como um processo através do qual o aluno executa atividade reflexiva sobre a ação de escrever”. A reflexão leva o escritor a revisar o que se está escrevendo. É nesse momento que a reescrita se faz necessária, pois é aí que o autor tem a oportunidade de deixar mais claras as ideias e as intenções para o leitor.

Bronckart (1999) nos direciona a realizar esse processo de revisão e reescrita a partir das capacidades de linguagem dos alunos, capacidades essas que levam o professor a atuar sobre essa temática de forma bem estruturada e organizada, centralizando seu foco na aprendizagem e desenvolvimento do discente. O professor precisa não só requisitar uma produção textual, mas acompanhar todo o procedimento de planejamento, correção, revisão e reescrita. E é primordial que o professor não só aponte problemas, mas indique possibilidades de como poder resolvê-los. Pois, para que haja aprendizado, é necessário que o aluno seja orientado pelo professor, que o conduza à apropriação das capacidades necessárias para desenvolver o texto. Logo, os sujeitos do processo pedagógico devem engajar-se em uma constante prática de escrita e reescrita (BRITTO, 1997). Essa visão nos revela a necessidade dessa prática constante no fazer pedagógico, com o intuito de trabalhar a escrita, com o olhar voltado para a reescrita.

A reescritura é um processo que está presente na revisão, que é o produto do processo de reescrita. Através dela, ocorre a troca de papéis de leitor e de escritor e, nesse processo interativo, as estratégias do leitor para abordar o texto estão inter-relacionadas com as habilidades do escritor em ajustar a sua expressão às avaliações do seu outro leitor (PRESTES, 2001, p. 11).

Conforme declarado nos PCN:

[...] a refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se releem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos. (BRASIL, 1998, p.77).

O professor precisa ensinar o aluno a ter a consciência de que o texto não é um produto acabado, mas sempre admitirá novas colocações e ajustes.

Para Leite e Pereira (2013), a reescrita deve ser parte de todo o processo de produção textual, pois, através dela, o aluno é estimulado a refletir sobre seu texto. Para os autores, esta é a etapa de melhoramento do texto.

Nos estudos de Funzer (2012), a autora destaca que, através desta prática contínua, o aluno torna-se capaz de fazer reescrituras nos mais diversos contextos. Desta forma, cada vez que o aluno for levado a reescrever, concomitantemente, ele refletirá sobre seu texto a fim de aprimorá-lo, ou seja, torná-lo mais compreensível para o leitor.

Segundo Nogueira (1999, p. 161), o ato de reescrever textos, até que sejam bem compreendidos pelo leitor, é:

“[...] um dos procedimentos-chave para a aprendizagem. Às vezes é considerado uma das habilidades básicas para o estudo, já que é a representação dos conceitos usando as letras e os sinais gráficos. Basicamente, supõe que quem escreve tem certas ideias e, com os esquemas de tipo de texto de que dispõe, deve encontrar o modo correto de expressá-las, para que o leitor entenda o que é dito”.

Essa concepção nos leva a entender que o processo de produção textual não envolve apenas a escrita em si, mas a compreensão de quem vai ler o texto e, para isso, o escritor precisa encontrar a melhor maneira para dizer o que ele tem a dizer.

Todo texto tem a função de transmitir alguma mensagem, mas, para que essa seja compreendida, o autor precisa analisar o que escreveu e tentar aprimorar de tal forma que qualquer leitor possa identificar o que foi escrito.

Então, diante das colocações desses teóricos, entendemos que é necessário um olhar atento para as metodologias empreendidas no ambiente escolar no tocante à formação de alunos leitores, escritores, revisores e proficientes na prática de escrever bons textos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada com base em observações feitas durante as visitas de estágio supervisionado realizadas com turmas de alunos do 6º Ano cada turma com 28 alunos do ensino fundamental II da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tertuliano Pereira de Araújo, localizada na zona rural de Picuí-PB – precisamente a 10km da sede da cidade – que, atualmente, atende a 248 alunos do 4º ao 9º ANO do ensino fundamental, os alunos são filhos de agricultores e agricultoras que moram na comunidade pericentral e em sítios vizinhos. A instituição possui uma área física bastante ampla composta por dez salas de aula, laboratório de informática, quadra poliesportiva, biblioteca, unidade básica de saúde, sala de recursos

multifuncional, cozinha, refeitório, secretaria, sala de professores , diretoria e banheiros feminino e masculino e um adaptado para portadores de necessidades especiais, toda a escola possui rampas de acesso.

Para tanto, as informações foram coletadas através das observações feitas durante 18 aulas em um período de 03 semanas enquanto realizava o estágio supervisionado, ou seja, observamos como o professor ensina os alunos a produzir textos, se pede a refacção desses textos e se esse processo atende aos procedimentos para a melhoria do produto final do aluno. O professor é um profissional bastante experiente que trabalha com muita dedicação e empenho na sua profissão. Essas observações deram origem a esta pesquisa, que se constitui em um estudo de caso com uma abordagem qualitativa. Esta pesquisa contou também com respaldo teórico de autores que tratam do tema da escrita e da rescrita de textos. Tal embasamento serviu como apoio para confrontar a teoria e a prática em sala de aula.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Antes de iniciar o estágio, conversamos com o professor regente da turma a respeito das produções textuais dos alunos, quais as maiores dificuldades, o que eles gostavam de ler e se a prática de escrever e reescrever textos era constante em suas aulas.

Ele relatou que os alunos têm muitas dificuldades em escrever, mas o maior problema é a falta de interesse, o que não ajuda para que haja um bom desenvolvimento da aprendizagem, têm preguiça, não leem, não tiram dúvidas e não gostam de escrever.

Na primeira aula, ele falou da necessidade e da importância de escrever e trouxe para os alunos um texto impresso com as ideias todas embaralhadas e pediu para que eles lessem e reescrevessem o texto da forma linear.

Essa atividade permitiu que os alunos percebessem que um texto sem coerência fica difícil de ser compreendido e que o trabalho de leitura, revisão, análise e rescrita de um texto é primordial para o bom desenvolvimento da escrita. Depois da refacção, o texto foi lido e discutido com a turma pelo professor.

Em outra aula, o professor trouxe um texto contendo erros de ortografia, intitulado “O assassinato da ortografia” (Autor desconhecido) e pediu que os alunos reescrevessem o texto colocando as palavras corretamente.

Essas duas atividades serviram para que o professor mostrasse aos alunos que os textos precisam ser escritos com coerência, mas também tem que haver o uso correto da ortografia.

As aulas seguiram e o professor explorou bem questões relacionadas à estrutura de um texto, os elementos textuais, as tipologias textuais e apresentou dicas de como produzir um bom texto. Depois da exposição, ele pediu que os alunos produzissem um texto com tema livre, mas antes apresentou as etapas da produção textual de escrita, leitura, revisão, análise e reescrita do próprio texto, e pediu ainda que os alunos não colocassem o nome no texto.

Depois de realizada essa atividade, o professor corrigiu os textos, fazendo as devidas colocações, não só apontando “erros”, mas mostrando os mecanismos para que o produto final tivesse melhor resultado. Essa prática do docente deve ser considerada necessária para o aluno, posto que é, a partir dela, que o aluno vai refletir sobre seus “erros” e lançar um olhar mais atento e cuidadoso para com seu texto, não apenas consertando os “erros”, mas buscando outras formas de aprimoramento, podendo, assim, redescobrir suas maiores dificuldades e atuar sobre elas.

Logo em seguida, entregou os textos de maneira aleatória para que outra pessoa fizesse as alterações. Os alunos se sentiram motivados em melhorar um texto que não conheciam, pois muitos sentem dificuldade em revisar e refazer o seu próprio texto. Pois conforme Fiad (2003) o aluno precisa ser leitor do seu próprio texto, para que assim identifique as lacunas que precisam ser preenchidas ou o que precisa ser retirado.

Concluída essa etapa, o professor mandou que cada aluno pegasse o seu texto aprimorado por outra pessoa e falasse da experiência e o que poderia acrescentar ou retirar daquele texto.

Essa atividade foi muito produtiva, pois proporcionou dinamicidade e entusiasmo nos alunos em refazer o texto do colega. Sendo assim o professor seguiu as instruções que regem os PCN ao proporcionar uma atividade diferenciada, que deu oportunidade para que eles refletissem sobre as colocações dos colegas e a utilização de uma nova forma de melhorar aquele texto. Contudo, percebemos que o trabalho com produção textual requer tempo, planejamento, acompanhamento e inovações constantes, para que, assim, o aluno sintasse atraído a realizar a atividade. Então, consideramos um desafio para o professor de língua portuguesa trabalhar de forma sistematizada e dando esse suporte aos alunos, na produção

textual. Com efeito, é por meio dessa dedicação e acompanhamento que o aluno irá realmente tomar interesse pelo estudo e especialmente pela leitura e escrita de textos.

Ao analisar a vivência desses alunos em sala de aula e a forma como eles se comportam diante das atividades propostas, constatamos que há a necessidade de muito dinamismo para poder atrair a atenção deles e que a proposta de leitura, produção e refacção de um texto requer mecanismos diferenciados para que esse aluno realmente sintasse motivado, aprenda e torne-se um sujeito leitor e adepto da escrita.

Ao indagarmos o professor a respeito da importância da leitura para o aprimoramento da escrita, ele relatou que a leitura é indispensável para o aprimoramento da escrita, pois é, através da leitura, que o aluno adquire informações e conhecimentos para desenvolver bons textos. Conforme Paulo Freire é por meio da leitura que o aluno irá desenvolver uma visão crítica do que leu e só assim poderá fazer a reescrita. Todavia, percebemos que esse professor não incentiva muito a prática da leitura, já que não é recorrente a prática de leituras em sala de aula.

Outro ponto da conversa foi direcionado para a questão de como o professor acha que os alunos recebem a sua disciplina. Quanto a isso, ele falou que muitos consideram as aulas muito cansativas, sempre a mesma coisa: ler, escrever e produzir textos. Entretanto, ele alega que sempre procura trazer atividades diferenciadas. Com essa colocação, perguntamos se entre essas atividades estão a produção e refacção do texto. Ele respondeu que sempre procura trabalhar com produções textuais e corrige não só apontando erros, mas mecanismos para melhorá-los.

Constatamos a falta de uma finalidade para esses textos, já que esses precisam ser apresentados, divulgados para que assim os alunos sintam-se importantes e lisonjados e, acima de tudo, impulsionados a produzirem sempre mais e cada vez melhor e, para isso, os alunos precisam escrever e repensar quantas vezes forem necessárias o seu texto, pois esse pode e deve ser escrito não só como atividade proposta pelo professor e para ele, mas para outras pessoas lerem. Assim, os alunos irão aprender a valorizar o que escrevem e irão fazer de maneira especial, valorizando a sua produção.

A escola dispõe de um ótimo meio para que esses textos sejam divulgados e circulem, pois há, no ambiente, uma rádio escolar, que poderia ser escolhido todos os dias um texto para

ser lido durante o intervalo .Assim, outros alunos iriam conhecer o conteúdo dos textos escritos pelos colegas, o que poderia ser uma excelente estratégia de motivação para a escrita.

Ao retomar a questão da refacção das produções textuais, o professor relatou que esta requer muito tempo e dedicação e uma orientação constante. Tendo em vista essa colocação, faz-se necessário repensar a questão da revisão e trabalhar na perspectiva do discente avaliar o seu próprio texto, conforme frisa Matencio (1997) a reescrita é o resultado da atividade reflexiva do ato de ler.E ao docente cabe o papel de mediador desse processo e incentivador, levando o aluno a refletir a sua própria escrita para que assim possa, ele mesmo, corrigir, transformar e melhorar o seu texto. Destaque-se que, até a versão final, o professor precisa constantemente acompanhar todo esse processo com o intuito de mostrar caminhos para que o aluno possa se tornar um leitor crítico e um escritor competente.

Ao analisar a questão do tema, percebemos que o tema livre é melhor de ser trabalhado, pois eles escrevem a respeito do que gostam e tem conhecimento, pois conforme Bronckart (1999) o professor deve levar em consideração as capacidades de linguagem dos alunos. Já um tema proposto pelo professor, na maioria das vezes, não causa entusiasmo e não tem sucesso por se tratar de algo que eles não conhecem. Sendo assim, considera-se que antes de propor uma temática o professor precisa conversar com seus alunos para seleccionar assuntos que contemplem a transversalidade e pelos quais o aluno esteja interessado. Outro ponto é a questão dos debates. Faz-se necessário um debate sobre a problemática antes de requisitar uma produção textual, pois assim os alunos teriam mais opiniões para desenvolverem as suas ideias e aprimorar a sua criatividade.

Outro fator que nos chamou a atenção foi a falta de outras leituras, pois o professor não levou outros textos para que os alunos usassem como base para criarem os seus e não falou que um texto com respaldo teórico tem mais credibilidade e demonstra que houve leituras sobre o assunto/tema.

Conversamos com o docente a respeito da dificuldade e frequência com que ele aborda essa atividade em sala. Ele destacou que o trabalho de produção textual é demorado e requer dedicação, mas que essa atividade não precisa ser somente do professor de língua portuguesa, mas de todos, pois a linguagem é um eixo da interdisciplinaridade e que as demais disciplinas poderiam de contribuir para a melhoria da escrita e reescrita dos alunos.

Sendo assim, as palavras do professor estão em conformidade com a afirmação de RÖSING (1996), no sentido em que considera que a formação dos leitores não é tarefa exclusiva dos professores de língua portuguesa, mas é compromisso de todos os educadores, que formam leitores, caracterizando, assim, uma dinâmica multidisciplinar sustentada, necessariamente, por princípios consistentes.

Sabemos que não é fácil para o professor de língua portuguesa carregar essa responsabilidade sozinho, mas é papel dele estreitar as relações entre leitura, escrita e reescrita, de forma a repensar a concepção de leitura norteadora da prática pedagógica, bem como reavaliar a própria noção de produção textual apresentada para os alunos a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula. Dessa forma, é importante pensar em alternativas de atuação em sala de aula que agucem o aluno a interessar-se pela leitura e a fazer dessa uma prática prazerosa e habitual. E que isso seja feito de tal forma que não exista distanciamento entre as propostas de ensino e a realidade concreta dos discentes, visto que é imprescindível que os professores invistam no processo de leitura e escrita, criando novas estratégias de abordagem que atendam às expectativas do aluno.

Diante das observações e conversas com o professor, percebemos que esse tem consciência da importância da leitura para o aprimoramento da escrita, no entanto essa atividade não é colocada em prática como deveria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste trabalho, constatamos que a leitura é um dos pilares da educação escolar, pois é prioritariamente, no ambiente escolar, que as práticas de leitura e escrita são sistematizadas formalmente. É evidente a relação entre a leitura e a escrita e sua apropriação por parte dos educadores e educandos é fundamental no processo educativo, favorecendo o aprendizado e a emancipação destes enquanto cidadãos.

Dessa forma, constatamos a suma necessidade de metodologias educacionais que favoreçam o aprendizado da leitura, escrita, revisão e refacção das produções textuais, com um olhar direcionado de forma dinâmica e que consiga envolver os alunos, pois as discussões que permeiam o universo escolar apontam que as correções das produções textuais, na maioria das vezes, estão limitadas a uma mera correção gramatical, sendo que essa precisa de uma interação entre o autor e o revisor. Essa revisão permite um diálogo entre o professor e o aluno e promove não só a revisão do texto, mas ajuda a relembrar assuntos já estudados. Por isso, o professor precisa acompanhar a reescrita do texto dos alunos e não apenas sugerir as modificações, ou seja, ele deve contribuir para que se dê essa reescrita. Logo, esse processo é importante para acompanhar o desenvolvimento da escrita do aluno e ao mesmo tempo revisar os conteúdos gramaticais já abordados em outras aulas.

A reescrita faz parte de um processo em que os alunos devem voltar, várias vezes, ao texto para observar certas questões e não apenas passar a limpo. A refacção vai possibilitar a eles ajustar o que se tem a dizer, expressando a sua liberdade a partir de propostas de produção que despertem o senso crítico e os tornem sujeito-autor do seu próprio texto.

Assim, podemos constatar que a reescrita permite ao indivíduo o aprimoramento de suas habilidades no que tange à construção textual e que o professor assume um papel importante no desenvolvimento de estratégias, buscando no texto respaldos teóricos que lhe permitam ver a escrita como fenômeno sócio-cognitivo interacional e tratá-lo, sempre, no contexto de interesse do estudante, por meio de atividades práticas que dispensam a abordagem teórica.

A produção textual e oral são atividades que valorizam o papel do sujeito na sociedade, uma vez que é por meio de enunciados escritos e falados que o indivíduo pode interagir em seu ambiente social, expor seu posicionamento e agir sobre o mundo. Sendo

assim, podemos perceber que a reescrita é importante para o aluno, pois, se essa prática tornar-se habitual, propiciará ao aluno adquirir mais e mais conhecimentos, tornando-o mais capacitado a produzir com amplitude e proficiência seus textos escritos.

Então, percebemos que a reescrita contribui, de maneira significativa, para o desenvolvimento de uma escrita proficiente e que atenda aos parâmetros pretendidos nas avaliações e ao uso da linguagem escrita nas esferas sociais. Logo, acreditamos que cabe ao professor buscar apoio e saber utilizar os aportes teóricos disponíveis, a fim de conseguir conciliar o ensino dos três eixos que envolvem o ensino de língua materna: leitura, produção (oral e escrita) e conhecimento linguístico. Tendo estado de posse dessas ferramentas, é possível ao professor tornar-se mediador de um processo que leve os alunos a tornarem-se leitores e escritores, cada vez mais, críticos e adeptos da escrita.

Todavia, partindo dos dados desta pesquisa, podemos constatar que a orientação do professor ainda deixa a desejar, pois, conforme as observações acima verificamos que o professor, na maioria das vezes, aponta apenas “erros” e não formas de aprimorar o texto. Outro fator preponderante diz respeito à questão dos temas dessas produções, que não levam em consideração o conhecimento prévio do aluno e são muitas vezes assuntos desconhecidos e fora do contexto vivenciado. Nas aulas que foram observadas, a proposta foi de tema livre, mas, conforme relatos do professor, nem sempre isso ocorre.

Sendo assim, fazem-se necessários novos mecanismos que consigam atrair o gosto do aluno pela leitura, escrita e reescrita das suas produções, de forma sistematizada, dinâmica e com acompanhamento constante, inserindo a prática de escrita em situações concretas de enunciação.

REFERÊNCIAS:

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BAZARIM, Milene. (Orgs.). **Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco**. São Carlos: Claraluz, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris et alii. **Série ensinar leitura e escrita no ensino fundamental**. São Paulo: Parábola Editorial, 4 vols. 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- . **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITTO, L. P. L. Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento. In: ZACCUR, E. (Org.). **Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?** Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.
- BRONCKART, J .P. **Atividade de linguagem, textos e discursos : por um interacionismo sócio-discursivo**, São Paulo. EDUC , 1999.
- CAGLIARI, Luiz.Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1993.
- . **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 2004.
- FIGUEIREDO, Olivia. **Escrever: da teoria à prática**. 19994. Educ, São Paulo.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, p.87 .
- FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Disponível em <http://www.escrita.uem.br/escrita/pdf/affuza4.pdf> acesso em 07.Jul.2016
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Disponível em <http://www.escrita.uem.br/escrita/pdf/affuza4.pdf> acesso em 27 de Jun.2015
- GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual - o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- JESUS, Conceição Aparecida de. **Reescrevendo o texto : a higienização da escrita**. 1997, Cortez, São Paulo.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever - estratégias de produção textual**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- LEITE, E.G; PEREIRA, R.C.M. **Implicações da correção do professor na reescrita do aluno: desenvolvendo as capacidades de linguagem**. In: GONÇALVES, A.V.;

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual. Análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial.2008.

MENEGASSI, R. J. Da revisão à reescrita: operações e níveis lingüísticos na construção do texto. 1998. 263 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista. Assis: [s.n.], 1998.

MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 2010.

NOGUEROL, Artur. **Aprender na escola: técnicas de estudo e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

OLIVEIRA, M. A. **Conhecimento lingüístico e apropriação do sistema de escrita.** Caderno do CEALE – FAE/UFMG. Belo Horizonte: MEC, 2005.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. **Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres.** 172 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UFRN, Natal, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br>> Acesso em: 15 de Jun. de 2016.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. Ensino e correção na produção de textos escolares.1 ed, telos , São Paulo, 2012.

PEREIRA, R.C.M. **O livro didático de português e o trabalho com a produção escrita: análise das solicitações de reescrita textual.** Calidoscópio, Rio Grande do Sul,v.8,n.1,2010. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/revistas/index.php/calidoscopio/article/view/154/10>> Acesso em: 15 de Mar. de 2016.

RÖSING, Tania M. K. **A formação do professor e a questão da leitura.** Série Didática. Passo Fundo, 1996.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual interativa.** 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia.** 32º ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 1999.